

A PALAVRA

AO Armindo Azevedo
Grão-Mestre da GLLP/GLRP

GRÃO- -MESTRE

**Os Desafios da Maçonaria
Regular Contados por Dentro**

PREFÁCIO

Alberto Trovão do Rosário

NÃO-FICÇÃO · POLÍTICA

*Tudo o que fizemos na vida só para nós morrerá connosco.
Tudo o que fizemos pelos outros e pela humanidade
permanecerá e será imortal.*

ALBERT PIKE

A Maçonaria não tem dogma ou teologia. Não oferece sacramentos.

Ensina que é importante que cada homem tenha uma religião de sua escolha e seja fiel a ela em pensamento e ação. Como resultado, homens de diferentes religiões reúnem-se em comunhão e fraternidade.

Acredito que um bom maçom se torna ainda mais fiel aos princípios de sua fé por ser membro de uma Loja maçônica.

NORMAN VINCENT PEALE

Agradecimentos

Este livro só foi possível devido ao facto de ter tido o privilégio e a honra de desempenhar o cargo de Grão-Mestre da Grande Loja Legal de Portugal/Grande Loja Regular de Portugal (GLLP/GLRP) durante dois mandatos (2018-2024), assumidos com total entrega e dedicação.

Por isso, o meu primeiro agradecimento é para a minha mulher, Paula, que esteve ao meu lado em todos os momentos, acompanhando-me em muitos compromissos nacionais e internacionais e nas circunstâncias mais difíceis, sempre com um sorriso no rosto e uma palavra de incentivo e de carinho.

Um agradecimento aos meus filhos, que souberam interpretar as minhas ausências como o assumir pleno de uma grande responsabilidade.

Aos colaboradores da Grande Loja (GL), agradeço a dedicação e o enorme sentido de responsabilidade, que nos permitiu sempre fazer muito, por vezes, com pouco.

Permitam-me particularizar alguns agradecimentos: ao João Oliveira e Silva, pela sua presença, disponibilidade e incondicional apoio; ao José Ruah, pelas suas prontas opiniões e partilhas de conhecimento e por acompanhar o meu passo, o que, reconheço, nem sempre terá sido fácil; ao João Monsanto, pela sua enorme criatividade, capacidade de trabalho e alguma teimosia, compelindo-me a com ele partilhar, em diferentes latitudes, horas de disponibilidade para que a *FlashNews* (newsletter interna da GL) fosse sempre publicada a tempo; ao Manuel Graça, pela companhia e disponibilidade para fazer milhares de quilómetros comigo; à Sandra Teixeira, pelo excelente trabalho administrativo realizado, sempre com zelo e dedicação; ao Bernardo

Teixeira, que discretamente realizou um serviço de rigor e de excelência; à Maria de Lourdes (Milu), pelo trabalho realizado junto das Lojas no acompanhamento, nem sempre fácil, da atividade financeira; a todos os membros do grão-mestrado, que em mim confiaram e comigo estiveram incondicionalmente, em todos os momentos, com os seus importantes contributos e reflexões. Destaco o Francisco Melita, que, apesar do seu temperamento apurado, é possuidor de uma enorme perspicácia e generosidade, que comigo manteve uma inestimável cumplicidade e com quem passei muitas horas de profunda reflexão, mas também de agradável descontração.

Deixo ainda um agradecimento muito especial a um enorme vulto da nossa Ordem, homem de elevada cultura e conhecimento e excelente maçom, o antigo Grão-Mestre Alberto Trovão do Rosário, que me honrou com o prefácio deste livro.

Por último, um agradecimento a todos os obreiros da Maçonaria Regular, membros de tantas e diferentes latitudes e que, para além do carinho com que sempre me receberam e do seu inegável amor fraterno, me transmitiram tanto conhecimento e sabedoria, o que indubitavelmente me enriqueceu e responsabilizou.

ÍNDICE

PREFÁCIO

De onde vem e para onde vai a Maçonaria Regular	15
---	----

A Palavra ao Grão-Mestre

NOTA DE ABERTURA

Um livro nascido do confinamento	25
--	----

INTRODUÇÃO

A Maçonaria, do Reino Unido para o mundo	27
--	----

A Maçonaria Regular – Fraterna, universal e histórica	29
---	----

Da Grande Loja de Portugal (GLP) à Grande Loja Regular de Portugal (GLRP) e à Grande Loja Legal de Portugal/ /Grande Loja Regular de Portugal (GLLP/GLRP)	33
---	----

As eleições de 2018 e o ciclo de abertura à sociedade	38
---	----

A Pandemia da covid-19 – Momento de suspensão e superação	45
---	----

A Maçonaria Regular e a política	49
--	----

A Maçonaria Regular e a religião	61
O segredo maçónico	73
A internacionalização da Maçonaria	76
As Organizações Maçónicas Internacionais	78
Comunicações às Assembleias da Grande Loja (setembro de 2018 a junho de 2024)	81
Artigos de opinião	225
NOTAS FINAIS	275

PREFÁCIO

De onde vem e para onde vai a Maçonaria Regular

De um ponto devemos partir quando nos questionamos sobre a razão da existência da Maçonaria: é uma instituição cujos membros trabalham para a sua valorização espiritual e para a valorização espiritual da sociedade a que pertencem, cultivando a fraternidade, a solidariedade e a amizade, tornando-se a sua acção mais relevante quando assistimos à progressiva desumanização da humanidade.

A inexorável girândola de equinócios e solstícios sugere que cogitemos sobre o já feito e o que devemos fazer para que a Maçonaria Regular atinja os objectivos que estiveram na origem da sua criação.

Os pretextos para uma reflexão sobre este tema podem assumir diversas formas, e uma delas foi-me proposta por Armindo Azevedo, que sugeriu que eu escrevesse algumas linhas em jeito de prefácio para este livro, no qual aborda o modo como desempenhou as funções de Grão-Mestre da GLLP/GLRP e as circunstâncias que as acompanharam e marginaram.

Não me competindo lavrar uma análise crítica ao seu trabalho, teço algumas considerações, sob a forma de notas soltas, inspiradas pelo passado da Maçonaria Regular em Portugal, que desaguou no cenário que a GLLP/GLRP ostenta, e sobre o futuro prospectável da Ordem.

O passado da Maçonaria Regular em Portugal foi vivido com luta pertinaz na conquista pela cidadania a que tinha direito num meio social que lhe era hostilmente agressivo. Para trás, tinham ficado os resquícios avoengos dos fanatismos da Idade Média e da Idade Moderna, que não têm lugar na brevidade destes apontamentos. Talvez se justifique uma ínfima referência a um facto que a História teima

em nos apontar e que tem, imagine-se, relação que é tida por pouco evidente com o tema destas notas. Quando da queda do Império Romano no Ocidente, foram cavadas fronteiras religiosas entre o Norte e o Sul da Europa... que ainda delimitam zonas de influência que são hoje tão marcadas que condicionam a maior e a menor aceitação da Maçonaria. Matutemos um pouco e continuemos.

Olhemos para um passado bem mais recente, quando a Maçonaria começou a construir o seu edifício cultural e social sólido, onde entrasse a luz e se reproduzissem as ideias que escorassem a espiritualidade que seria, e é, a sua razão de ser.

Evitou o monolitismo de que se alimentam algumas religiões, ainda que as respeitasse e guardasse diversos conhecimentos de que eram portadoras, e buscou ensinamentos culturais em muitas fontes no desejo de saber mais, de se aperfeiçoar e de ensinar quem poderia beneficiar com a cultura reunida que seria utilizada como argamassa na construção do Templo comum.

Atingiu assim um objectivo que se antolhava inatingível: usou a maleabilidade da tolerância e do respeito pelo outro para transformar a pedra bruta em pedra polida.

A diversidade das fontes a que recorreu permitiu-lhe não só criar uma sólida cultura própria como manter-se independente de qualquer corrente estiolante.

Tal autonomia foi, desde o início, olhada com desconfiança e com temor pelos que se acobertavam sob a protecção de grossas paredes onde a luz dificilmente penetrava, ao mesmo tempo que neles se maquinavam desejos de controlo e domínio de autonomias maçónicas, gerando e espevitando a animosidade de quantos as quisessem subjugar e estavam acorrentados a certezas das quais dependiam.

Em Portugal, os primeiros passos da Maçonaria Moderna foram dados com a indesejada companhia de esbirros e de intendentos, intolerantes e torcionários, tendo sido estimulados por estrangeiros que trouxeram consigo os ventos soprados pelo Iluminismo e por culturas com outras vistas.

Os princípios que a Maçonaria respeitava e transmitia não foram, porém, amordaçados em definitivo pelo ódio. As sementes

germinaram através de livros e das tertúlias espalhadas pelo País, onde as ideias novas se batiam com as ideias velhas.

Durante todo o século XIX, sucederam-se as invasões, as guerras civis, as revoluções, os governos, as políticas e os políticos, dificultando umas vezes, estimulando outras, o crescimento da Maçonaria. Agarrados aos destroços que flutuavam no mar encapelado, os maçons ainda agitavam mais as águas, aproveitando as oportunidades para difundirem as suas ideias e para se aproximarem de uma cátedra donde pudessem ser ouvidos.

Com o nosso empobrecedor atavismo de copiarmos, por vezes acriticamente, o que vem de fora da fronteira, também a Maçonaria começou a importar modelos vindos de Inglaterra e de França, alheia a incongruências e a antagonismos, com reflexos nunca totalmente esbatidos entre os maçons portugueses.

Chegados ao século XX, as turbulências não cessaram; nas primeiras décadas, a Maçonaria participou de muitas formas nas disputas políticas e sociais. Nem sempre da melhor forma, mas teve ensejo de patentear a sua influência até ao advento do Estado Novo, que trouxe, mal escondidos na capa, os ódios e as intolerâncias próprias de quem tem receio das ideias alheias. Por essa altura (1935), desmascarou-se, com a célebre, mas nunca demais lembrada, publicação de um diploma que interditava a existência de sociedades secretas, leia-se Maçonaria, como mais uma prova do medo que o poder tinha dos que ousavam pensar de forma diferente da imposta pelos seus próceres.

Como também queremos recordar, foi Fernando Pessoa, no ano da sua morte, como oportunamente Armindo Azevedo enalteceu, quem arrojadamente desmascarou esta tosca manifestação de mediocridade.

O 25 de Abril de 1974, ao libertar o povo português, tirou também a mordaza à Maçonaria, sendo primeiro-ministro do Governo saído da Revolução o maçom Adelino Palma Carlos.

Depois de esforços e trabalhos pertinazes, foi constituída a Grande Loja Regular de Portugal em escritura de 25 de Julho de 1991. Ultrapassadas novas turbulências, em nova escritura notarial, agora de 23 de Dezembro de 1996, foi aprovada a designação GRANDE LOJA LEGAL DE PORTUGAL/GLRP.

Hoje, o quadro que olhamos em Portugal nesta área pode ser esboçado do modo seguinte: a Maçonaria Regular é representada pela GLLP/GLRP, que é, largamente, a maior instituição maçónica portuguesa e que é respeitada e reconhecida pela larga maioria das suas congéneres internacionais, pelo Grande Oriente Lusitano, irregular, que é a instituição mais antiga, a Grande Loja Feminina e o ramo português da *Ordre Maçonnique du Droit Humain*. Em torno destas, gravitam vários grupos que usam designações maçónicas, mas que não têm colhido, senão muito mitigadamente, apoio nacional ou internacional e que não cativam número significativo de aderentes. Contribuem no entanto, nalguns casos, para o descrédito que afecta a Maçonaria no seu conjunto.

A GLLP conta, praticamente desde o início da sua actividade e ao mesmo tempo que foi alargando a sua intervenção, com a emergência de novas Lojas e a iniciação de número crescente de obreiros, com a estreita colaboração das estruturas representativas dos Altos Graus.

O crescimento do número de obreiros e do número de Lojas que a Ordem vem registando, mormente nos últimos anos, suscita o receio de que corra o risco da sua descaracterização filiada em recrutamento nem sempre rigoroso.

As relações internacionais da GLLP/GLRP foram sendo progressivamente alargadas depois de um início titubeante e em que houve que vencer suspeições. Hoje, a Maçonaria Regular Portuguesa é respeitada em todas as latitudes, estando representada de forma prestigiante em diversos organismos, com ênfase para a participação do Grão-Mestre Armindo Azevedo na Confederação Maçónica Interamericana (CMI) e para a participação dos mais destacados dirigentes dos Corpos Rituais, nomeadamente do Rito Escocês Antigo e Aceite e do Rito de York, em instituições maçónicas de grande relevância internacional. Justifica-se também uma menção bem positiva para o estreitamento das relações fraternas com as instituições maçónicas que de forma crescente e sustentada vêm trabalhando nos Países de Expressão Portuguesa.

Ficaram, todavia, a actividade e a própria vida da Maçonaria sempre confinadas pelos que, atrás das cortinas do obscurantismo,

a impediram de trabalhar em total liberdade no seio da sociedade que quer servir. Este é, não o escamoteemos, o nó górdio que ainda não foi desatado, apesar dos esforços desenvolvidos inclusivamente nos últimos anos, continuando, em muitos locais, os membros da Ordem a ser olhados de viés, sendo-lhes atribuídas intenções que nenhuma relação têm com os princípios maçónicos.

Este assunto é de magna importância, não sendo admissível que possa ser encarado de forma displicente ou conformista. Se não for encarado com determinação e de forma solidamente sistematizada, poderá conter os germes da destruição da própria Maçonaria, ainda que esta possa exibir um grande número de inscritos, perante o gáudio dos seus inimigos e a apatia de uma sociedade que nunca chegou a saber por que motivo existiu durante tanto tempo tal instituição. Embora não afecte a nossa razão, não devemos esquecer que quem nos atira pedras tem telhados de vidro bem maiores e mais frágeis do que os nossos.

Por muitos que sejamos, enclausurados nos templos, parecendo ter medo do sol, não granjearemos o respeito nem, ainda menos, a adesão consciente da sociedade para a qual julgamos estar a trabalhar. Os esforços levados a cabo ultimamente devem ser alargados, corajosamente, sem tibiezas.

Num tempo em que, por todas as frinchas, nos chegam informações trazidas por novas vias tecnológicas, temos de as aproveitar para dizer, em voz clara e audível, sem timidez, quem somos e ao que vimos, inclusivamente através das tão influentes e quase omnipresentes redes sociais. A nossa verdade não pode refugiar-se só em cenários ritualistas muitas vezes inconsequentes. Deverá ser apresentada tão-somente como a nossa verdade.

Ainda que corra o risco de me repetir, o que não afasto, acentuo, sem catastrofismos, que ou a Maçonaria assume com frontalidade e dignidade, à luz do dia, quem é e qual é o seu caminho, ou o futuro conhecerá o seu rápido declínio, ao qual se seguirá, inexoravelmente, um fim sem glória.

Foi neste contexto que Armindo Azevedo, um elo na corrente de Grão-Mestres, desempenhou as funções para que foi eleito, contexto

adensado por circunstâncias exógenas mas também as geradas pelas inevitáveis numa instituição que, pelas suas características, é terreno fértil para querelas entre necessidades de afirmação que persistem ao arrepio dos princípios maçónicos que apregoam a solidariedade e a fraternidade. Também estas situações, como as que evidenciam interesseirismos e toscas vaidades enformadas em decorações de aventais e colares, salientam a importância do recrutamento e da formação dos obreiros, que também muitas vezes não satisfazem as condições exigidas para a mudança de grau.

Armando Azevedo, com tacto e paciência de Job, soube evitar procelas e lutas de campanários, o que deve ser mencionado.

Nos últimos anos, foram dados passos significativos numa área fundamental para a vida maçónica: a área cultural. Estes passos surgiram na esteira de outros, iniciados há duas décadas, quando uma Loja com grande tenacidade e esforço editou 37 *Cadernos de Cultura Maçónica*, que obtiveram os maiores encómios... e o desinteresse da grande maioria dos obreiros – e quando se realizaram mais de uma dezena de Encontros da Maçonaria Entreaberta, também pouco frequentados.

É com agrado, nimbado de esperança, que notamos a emergência de cadernos, de colóquios, de revistas que vão libertando da letargia muitos dos que comparecem abulicamente a sessões rituais sem perceberem bem o significado de muito do que se lá diz. A Academia Maçónica, a Academia do Rito Escocês Antigo e Aceite e alguns dos Altos Graus, para além de diversas Lojas, são responsáveis por este renascimento.

Uma nota ainda para a solidariedade maçónica: mais do que à GLLP, ela está confiada aos maçons, e, devemos salientá-lo, estes estão a desenvolver, individualmente ou integrados em grupos e associações, um trabalho nobilíssimo, sendo que a forma discreta como actuam não é alvo de merecido reconhecimento.

Nos últimos anos, foi dinamizada a construção e a beneficiação de templos. No seu conjunto, constituem um convite e um desafio: que sejam efectivamente frequentados por maçons empenhados em valorizarem a sua formação espiritual e em fortalecerem os laços que

os ligam aos seus irmãos no cumprimento dos juramentos que fizeram quando lhes foi concedida a honra de serem iniciados.

Com frequência se ouve dizer que este tempo é de esperança. É verdade, mas vou mais longe: este tempo e todos os tempos que aí vêm têm de ser de esperança.

Sabemos bem que a Maçonaria não é o único caminho. Mas é um dos mais dignos, puros e seguros caminhos que se oferecem ao Homem.

Se formos capazes de por ele seguir, vencendo incertezas e incompreensões, sentiremos por que motivo a Maçonaria é o Templo onde milhões de Homens em todo o mundo se unem fraternamente para bem da Humanidade a que pertencem.

ALBERTO TROVÃO DO ROSÁRIO
Antigo Grão-Mestre da GLLP/GLRP

O autor do prefácio opta por escrever com a antiga ortografia.

**A Palavra
ao Grão-Mestre**

NOTA DE ABERTURA

Um livro nascido do confinamento

A ideia de escrever este livro surgiu durante o ano de 2020, ainda em plena crise pandémica, num período de grande incerteza quanto ao futuro da humanidade e da Maçonaria. A nossa Grande Loja tinha começado esse mesmo ano com enorme pujança e vitalidade, mas eis que repentinamente tivemos de fechar os nossos templos e suspender a atividade.

Passei, confesso, alguns dias hesitante quanto ao melhor caminho a seguir, mas sempre ciente de que era preciso salvaguardar o nosso bem maior, a saúde.

Por essa razão, optei por antecipar a decisão de cancelar as sessões presenciais em Loja, mesmo antes de o enquadramento legislativo surgir nesse sentido. Nesse período de confinamento, embora sem descurarmos o contacto entre maçons por meios digitais, surgiu-me então a ideia de escrever este livro, que, mais do que um repositório e um relato daquilo que vivemos, é um testemunho vivo e entusiástico de uma enorme dedicação e entrega a uma causa: a Maçonaria Regular.

Por isso, este livro não pretende ser um livro sobre esoterismo, filosofia ou espiritualidade maçónica (apesar de haver muita), mas sim uma compilação, para as gerações presentes e futuras, das muitas intervenções realizadas enquanto Grão-Mestre e de muitos artigos de opinião publicados que a mim responsabilizam, mas que são o resultado da estratégia delineada de comunicação de maior abertura à sociedade e ao designado, por nós, maçons, «mundo profano».

O livro tem como pilar principal a reafirmação da Maçonaria Regular, os seus fundamentos, valores e princípios, que devem ser observados e interiorizados e que nos legitimam como a única